

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM BIA, BEL E BETA: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

WOMEN REPRESENTATIONS IN BIA, BEL AND BETA: DIALOGUE LITERATURE AND HISTORY

Rosana Carvalho Dias Valtão¹

Resumo: A mulher, que em muitos contextos revela-se independente, gestora de sua própria história e altruísta, está umbilicalmente marcada por uma trajetória de renúncia e submissão ao longo do tempo. A obra infanto-juvenil *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, publicada inicialmente em 1982, traz para o nicho literário um protagonismo feminino que se atrela, mesmo de forma ficcional e dentro do universo infantil, às mudanças pelas quais a figura feminina passou na sociedade; podendo, com isso, ser interpretada pelo viés histórico ao propor representações sociais para esse gênero. Partindo desse princípio, propõe-se uma leitura analítica da obra em questão com o intuito de identificar, através das práticas das personagens femininas, as representações propostas pela autora; revelando uma oportunidade para produzir significado para o texto literário a partir da compreensão histórica. Para isso, tomamos como pressuposto teórico as contribuições da História Cultural, principalmente os trabalhos do historiador Francês Roger Chartier.

Abstract: The woman, who in many contexts reveals itself independent management of their own history and selfless, is intrinsically marked by a history of resignation and submission over time. The children's work *Bisa Bia, Bisa Bel*, Ana Maria Machado, first published in 1982, brings to the role a female literary niche that has combined, even fictional form and within children world, the changes that the female figure passed within society; may like this, be interpreted by the historical bias in proposing social representations to this genre. Based on this principle, we propose an analytical reading of the work in question in order to identify, through the practices of the female characters, representations proposed by the author; revealing an opportunity to give meaning to the literary text from the historical understanding. For this, we take it as a theoretical assumption the contributions of cultural history, especially the work of the French historian Roger Chartier.

Palavras-chave: Feminismo. Práticas. Representações. História Cultural. Roger Chartier.

¹ Professora do Instituto Federal do Espírito Santo. Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo na história da humanidade, a mulher viveu à margem da sociedade exercendo um papel secundário, com poucos direitos e quase sempre dependente da figura masculina, seja pai, irmão, marido ou filho. Não desprezamos em nosso trabalho as mulheres que, independente do contexto sócio-histórico em que viviam, lutaram por seus direitos e romperam com os padrões socialmente estabelecidos. Mas precisamos ressaltar que a maioria era, socialmente, desprovida de iniciativas para a tomada de decisões.

Com raras exceções, a representação desse sujeito na sociedade se dava como um ser frágil, submisso e, obrigatoriamente, sem iniciativa; não são poucos os exemplos de mulheres que, agindo de forma contrária, eram punidas pela Inquisição da Igreja Católica que condenou muitas mulheres à fogueira por desafiarem os princípios e dogmas defendidos pela igreja; ou eram vistas com repúdio pela sociedade quando os sonhos e os ideais estavam à frente de sua época.

Com o tempo, as mudanças pelas quais a sociedade passou vão influenciar diretamente no papel e na postura da mulher diante da realidade. A partir do século XIX, na Inglaterra, com o avanço dos movimentos feministas na chamada primeira onda em que as mulheres se organizaram para lutar pelos seus direitos (PINTO, 2010, p. 15), elas se tornam mais autônomas, capazes de agir por conta própria e tomarem decisões sem precisar do apoio ou da permissão de pai ou marido. Uma luta que iniciou com a busca pelo direito do voto e se estendeu a melhores condições de trabalho. Em muitos casos, com o passar do tempo, a mulher assume uma posição que era exclusivamente masculina: buscar provisão para a família, chefiar equipes em empresas, governar uma casa e até uma nação.

Com intuito de abarcar esse universo para os meios literários, muitos escritores fizeram com que personagens femininas estivessem presentes no mundo da literatura. Desde as cantigas trovadorescas (em nosso caso a cantiga de amigo) do século XII, que, embora fossem escritas por homens, retratavam mulheres lamentando a ausência do amado; os contos de fadas e as princesas dos Irmãos Grimm, até as produções contemporâneas com representações femininas imersas em uma sociedade moderna.

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado¹ (2001), não contraria esse universo e traz personagens de épocas totalmente diferentes, capazes de seduzir e atrair leitores de ambos os sexos e todas as idades. A presença de protagonistas femininas em obras de literatura infanto-juvenil, como na de Machado (2001), representa o esforço para uma mudança de paradigma na produção literária nesse nicho que era dominado pelo gênero masculino. Com isso, propõe-se uma leitura analítica da obra em questão com o intuito de

identificar, através das práticas das personagens femininas, as representações propostas pela autora que permeiam o meio social; o que nos propõe uma oportunidade para produzir significado para o texto literário a partir da compreensão histórica.

Vale ressaltar que, embora discuta questões sobre a mulher dentro da sociedade que atravessam a história, temos uma obra literária – ficcional, pleonasticamente - escrita para um público infanto-juvenil, com personagem principal uma pré-adolescente, porém com discurso que nos propõe refletir sobre as representações femininas ao longo do tempo a partir das práticas sociais que permeiam a narrativa.

Tomaremos como pressuposto teórico para nossa investigação e análises as contribuições da História Cultural, principalmente os trabalhos do historiador Francês Roger Chartier no que se referem às noções conceituais de práticas, representações e apropriações.

DO LADO DE DENTRO DA HISTÓRIA

A produção literária enquanto obra de arte está intimamente ligada ao contexto de época em que é produzida, sofrendo e refletindo as transformações sociais com o passar do tempo. Vemos, com isso, que literatura e realidade andam lado a lado, personagens fictícios que podem tão bem simular vidas reais, ou melhor, discursos capazes de representar um tempo e sua gente; o que garante a verossimilhança à produção escrita, uma das características mais marcantes do texto ficcional.

A figura feminina, principal objeto de investigação, está intrinsecamente ligada a essas transformações, mesmo que em velocidade lenta, que ocorreram na sociedade. Se por um lado, no contexto histórico, Silva *et ali* (2005) demonstram que

(...) desde a colonização do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. (...) foram reduzidas a objetos de domínio e submissão por receberem um conceito de “não-função, tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada (p.7).

Por outro lado, os autores também demonstram em seu trabalho que “atualmente as mulheres estão avançando nas áreas da cultura e da política. O povo brasileiro elegeu 288 mulheres para o cargo de prefeito e 5000 para o cargo de vereadoras nas eleições de 2004. Nos últimos quinze anos, entraram no mercado de trabalho brasileiro mais de 12 milhões de mulheres” (SILVA *et ali*, 2005, p. 10). Ou seja, as mulheres estão buscando e alcançando lugares dentro do espaço social que eram dominados pelos homens.

Se durante décadas restou às mulheres espaços periféricos ou representações de modelos românticos, as mudanças sociais abarcam para literatura personalidades que vão ao encontro desses sujeitos que vivem na sociedade, rompendo, dessa forma, com o

silenciamento feminino nas obras de arte. Na produção literária brasileira, vemos personagens femininas como Diadorim, em *Grandes Sertões e Veredas*, de Guimarães Rosa, Gabriela, em *Gabriela Cravo e Canela*, e Tieta, em *Tieta do Agreste*, ambas de Jorge Amado; mulheres de épocas e lugares tão diferentes, porém que foram capazes de representar modelos femininos distintos da sociedade, representações oriundas de apropriações das práticas sociais que entremeiam a realidade contemporânea: mulheres decididas, independentes e que lutam por seus ideais. São representações femininas que trazem às páginas literárias conquistas decisivas dos movimentos feministas, que no Brasil teve seu início na década de 1932, como o direito do voto, por exemplo, de acordo com Pinto (2010, p. 16).

Na produção literária para o público infantil e juvenil, vemos em Monteiro Lobato as primeiras mulheres no e do universo infantil, é o caso de Lúcia, a menina do nariz arrebitado, Tia Anastácia, Emília e Dona Benta. Mulheres que, mesmo no universo literário para crianças, ora demonstram iniciativas frente à sociedade contemporânea e ora reproduzem a dominação masculina em suas práticas e representações.

Bisa Bia, Bisa Bel (2001) conta a história intrigante, contudo apaixonável da relação de uma menina chamada Isabel com sua bisavó Bia e mais tarde com sua bisneta Beta, é um encontro entre passado, presente e futuro marcado por emoção e sensibilidade; embora fictício e em um cenário infanto-juvenil, é engendrado de representações sociais e históricas sob o universo feminino.

A história é apresentada ao leitor por meio de uma narradora-personagem, a própria menina Isabel é quem conta a história, com delicadeza e humor, com inquietações e dúvidas. A trama se dá em conversas entre Isabel e sua bisavó Beatriz, que é apresentada tanto a narradora quanto ao leitor logo no início da história através de uma fotografia antiga guardada pela mãe da menina durante muito tempo. As peripécias de Isabel ficam lado a lado com seus diálogos com a Bisavó e com a sua Bisneta Beta que só aparece mais no final da história.

Esse encontro acontece através do *fantástico*, uma característica marcante da produção para o público dessa faixa etária, ele pode aparecer nas obras de diferentes maneiras, animais personificados, duendes, fadas e seres humanos com poderes e características que extrapolam o limite do real, desconfigurando a verossimilhança do texto. Em *Bisa Bia, Bisa Bel*, Isabel convive com sua Bisavó e com sua Bisneta Roberta, pessoas que ela nunca viu, que podem estar com ela a todo tempo sem que outras pessoas possam vê-las e ouvi-las. Colomer (2005) sobre essa questão afirma que

(...) a renovação dos seres fantásticos tem sido acentuada como consequência do auge da fantasia moderna. Ainda que não possuamos dados comparativos, parece claro que na literatura infantil juvenil têm predominado os seres fantásticos como categoria (duendes, gênios, etc.) ou como personagens humanos com poderes (p. 294).

Se por um lado a presença do fantástico corrobora com a ficcionalidade do texto, por outro, permite colocar em um mesmo espaço-tempo representações femininas com práticas sociais apropriadas das comunidades e épocas em que estão ou estiveram imersas.

A obra é, ainda, marcada pelo discurso interior, ou seja, em diversos momentos a personagem está falando consigo mesma. Outro recurso ainda usado pela autora é a metalinguagem, em que a personagem conversa com leitor da obra, “Você deve estar me achando uma exagerada. Afinal de contas, espirrar não é uma tragédia, todo mundo espirra quando está resfriado ou tem alergia. Eu sei. Mas é que, dessa vez, foi mesmo um espirro trágico” (p. 41), recursos usuais dos, então, escritores canônicos de obras para adultos.

Escrita em linguagem tipicamente coloquial, a obra traz a presença de muitos diminutivos e explicações de um adulto durante os diálogos com a personagem principal para termos e expressões que a mesma não conhecia. Como vemos abaixo:

(...) Para começar não era quadrado nem retangular, como os retratos que a gente sempre vê. Era meio redondo, espichado. Oval, mamãe explicou depois, em forma de ovo. E não era colorido nem preto-e-branco. Era marrom e bege clarinho. Mamãe disse que essa cor de retrato velho chamava sépia.

(...)

- Ah, mãe, me dá essa bonequinha... (...)

- Ah, mãe, me dá a foto, dá... É uma gracinha, parece uma boneca, dá pra mim (...)

(p. 9 - 10).

Além das três personagens femininas principais – Beatriz – Isabel – Roberta – há na obra outras mulheres, como a Mãe de Isabel, que é arquiteta, trabalha fora e é dona de casa; dona Nieta, uma senhora vizinha de Isabel; Adriana, melhor amiga de escola da personagem principal; Sônia, professora de História com quem Isabel se identifica por ter uma coleção de retratos antigos; Marcela, personagem com comportamento totalmente oposto ao de Isabel e provável rival em sua amizade com Sérgio, garoto da escola por quem Isabel é apaixonada.

HISTÓRIA CULTURAL: PILAR PARA CONHECER O UNIVERSO FEMININO EM BISA BIA, BISA BEL, DE ANA MARIA MACHADO

A História Cultural que se desenvolveu na França a partir da década de 1980, trouxe a possibilidade de um novo campo de pesquisa. Por ter “por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é

construída, pensada e dada a ler” (CHARTIERⁱⁱ, 1990, p. 16-17), seus princípios permitem a investigação de realidades particulares e as maneiras como são construídas. Como demonstra Peter Burke (2008), outro historiador da História Cultural, abre novos caminhos para a pesquisa, traz para a história um novo olhar, rompendo com os padrões culturais estabelecidos até então, preocupa-se com o simbólico e com suas interpretações.

A partir desses novos paradigmas para a História e a Cultura, o particular, o individual passa a ter importância e a ser estudado; pesquisar como vive e o que pensa o sujeito, bem como suas manifestações culturais se torna tão importante para a História Cultural quanto o estudo de grandes grupos ou mesmo das classes até então privilegiadas pela história. Como esse sujeito age e como ele vive poderá mostrar de que forma ele vê o mundo e vive nele. Com isso, determinar o que vai ser estudado é o mais importante para o pesquisador, e é o que o historiador Roger Chartier mostra em *A história ou a leitura do tempo* (2010) ao tratar dos conceitos de micro-história e globalidade:

A advertência é útil para evitar falsos debates sobre a suposta superioridade epistemológica de tal ou qual observação: a referência atribuída a uma ou a outra depende do que o historiador deseja ver. [...]. Com efeito, há uma grande distância entre a perspectiva que considera os recortes micro-históricos como laboratórios que permitem analisar intensamente os mecanismos de poder que caracterizam uma estrutura sociopolítica própria de um tempo e um lugar determinados e a que considera esses mesmos recortes como uma condição de acesso a crenças e a ritos que normalmente as fontes omitem ou evitam e que remetem a uma base cultural partilhada por toda humanidade (p. 55).

Com isso o individual não é tomado com o intuito de explicar o geral ou mesmo o coletivo, não é mais ou menos importante, mas sim de como ele faz parte do todo, como interage com o todo.

Ao estudar as particularidades do universo femininos expostas por Ana Maria Machado, temos como principal objetivo entender como a autora demonstra a mulher representada em três esferas tão diferentes: Bia – a mulher no passado, Bel – jovem-mulher no presente e Beta – a menina que será mulher no futuro.

Do diálogo entre a bisavó e a bisneta, nasce o cotejo entre dois tempos e duas visões da mulher, a antiga e convencional, representada por Bia, e a moderna e descontraída, encarnada por Bel. (...) A originalidade da obra nasce da introdução de uma terceira perspectiva, a da Neta Beta de Bel é bisavó. A voz do futuro é interpolada à narrativa, para dar conta das transformações que afetam as concepções da mulher (ZILBERMAN, 2005, p. 58).

Analisando a realidade social apresentada por cada personagem, podemos ver nas práticas das três representações do mundo social no qual cada uma está inserida, sendo essas determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 1990), isto é, as práticas

sociais das mulheres presentes em *Bisa Bia, Bisa Bel* – independente da idade – vão refletir os interesses do grupo dominante do qual as personagens fazem parte. O meio social em que cada personagem está inserida irá determinar as práticas aceitáveis para essas mulheres; aquelas que rompem com essa expectativa são, de certa forma, excluídas socialmente.

Com isso, uma das noções conceituais da obra de Chartier para este trabalho é a de representação. A noção de representação tomada por nós é apresentada pelo historiador (CHARTIER, 1990, p. 23) como sendo responsável pela construção da realidade. Construção dada por meio do trabalho de classificação e delimitação, que produz as configurações intelectuais múltiplas por meio das quais entendemos e agimos no mundo, ou seja, toda realidade é produzida nos conceitos e categorias mentais que são construídos por escolhas e reflexões, cerceadas pela influência do meio em que se está imerso. Aquilo que um sujeito considera como certo ou errado, importante ou não indicia todo esse trabalho mental e, conseqüentemente, simbólico.

Ou seja, através das representações presentes em dada obra, podemos perceber o que é importante para o indivíduo/personagem e para a sociedade em que ele está inserido. Para Pesanvento (2012), as representações “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (p. 39). As representações fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Partindo do que é visto e valorizado pelo meio social, é que o ser humano irá considerar como importante ou não para si. É o grupo social que dita as regras de seu contexto.

Outra noção conceitual importante para esta análise é a de práticas. Para Chartier (1991), uma rede de práticas específicas pode contribuir para decifrar as sociedades, entendendo suas relações e tensões, sendo que não há práticas ou estrutura que não seja produzida pelas representações. Segundo o historiador, são as práticas que “dão significado ao mundo (...), [elas] constroem o mundo como representação” (CHARTIER, 1990, p. 27-28). As práticas de um grupo marcam sua existência e, com elas, se é capaz de reconhecer os delineadores de sua identidade social. Elas geram apropriações que por sua vez geram outras representações que se transfiguram em práticas, ou seja, elas são resultados das representações que o sujeito tem do mundo e ao mesmo tempo são elas que geram outras representações. As práticas reproduzem o que e como cada indivíduo se estabelece no mundo, elas os distinguem e os agrupam ao mesmo tempo. São das representações que o sujeito possui sobre determinado conceito que surgem suas práticas, para compreender suas práticas

torna-se necessário entender quais são suas representações. O grande desafio do pesquisador, então, é entender como as práticas de um sujeito traduzem seus valores, ideias, conceitos, isto é, suas representações sobre o mundo.

Ao falar de práticas e representações, há necessidade de trazer à baila o conceito de apropriação, já que os três estão umbilicalmente ligados. A noção de apropriação, segundo Chartier (1990),

(...) está na diferença do uso partilhado tal como as identifica Bourdieu “o gosto, a propensão e a aptidão para a apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada classe de objetos ou de práticas classificadores é a fórmula geradora de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos sub-espacos simbólicos, a mesma intenção expressiva (p. 137).

A maneira como o indivíduo se apropria das práticas sociais e as reproduz o integra no grupo social a que pertence. São as apropriações que ele faz das práticas de seu meio que dão origem às suas representações, ou seja, toda representação nasce das apropriações das práticas sociais e, por sua vez, irão organizar as práticas desse sujeito dentro do grupo.

Ao apropriar das práticas das comunidades com as quais esse sujeito se relaciona, ele constrói suas representações sobre o mundo. São essas construções/representações que irão gerar suas práticas, as ações de um integrante de grupo estão diretamente ligadas às ações do grupo, ou pelo menos, ao que ele se apropriou das práticas desse grupo.

Em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, vemos um desfile de personagens femininas que através de suas práticas vão representar todo o universo dos quais fazem parte. Isabel, a personagem-narradora, usa calças compridas, é uma menina levada, que enfrenta Sérgio - menino por quem é apaixonada – na escola; sempre chega em casa cansada, suja, e suada; brinca de pique-bandeira, sobe em árvores e pula muro – atividades consideradas de menino; assovia na rua e, em certa ocasião, fala palavrão.

Segundo Colomer (2005, p. 297), “os livros infantis têm tentado limar as diferenças entre os papéis atribuídos a ambos os sexos retratando meninas com qualidades tradicionalmente masculinas (ativas, valentes, *entre outras*) e sem traços que pudessem evocar uma caracterização demasiadamente feminina”, ou seja, vemos nas obras as mesmas mudanças ideológicas existentes no contexto social. As práticas da garota Isabel representam um modelo feminino diferente de algumas regras sociais para uma menina-mulher, como a própria Bisa Bia relata na obra “O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua.” (p.32), o que demonstra o rompimento com as normas de conduta do que é

comportamento exclusivamente feminino, reprodução de um modelo contemporâneo desse gênero na sociedade.

Colomer (2005, p. 297) demonstra, ainda, que as protagonistas femininas das obras infanto-juvenis contemporâneas rompem com a presença masculina no papel principal, todavia negam o feminismo piegas das donzelas dos contos de fadas. As obras retratam mulheres que se assemelham, física e psicologicamente, com seus leitores contemporâneos; e é bem isso que Ana Maria Machado apresenta na obra em análise, vê-se uma personagem ativa, que sabe bem o que quer, que ouve conselhos, mas decide se vai ou não tomá-los para si.

A autora, através da personagem-narradora, traz à baila uma representação feminina que rompe com os padrões que eram determinados por uma sociedade dominada pelos homens, nega a representação de mulher submissa às convenções sociais e mostra Isabel, uma menina, na busca por fazer sua própria história. Através das práticas da menina, se conhece a representação do gênero feminino que a mesma demonstra fazer parte de seu contexto particular, ou seja, como Chartier (1991) afirma “considerando não haver práticas ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (p.177). Através de suas atitudes, Bel procura dar sentido à realidade que ela está construindo para si e defende, mesmo com as práticas de uma ainda menina, uma representação feminina independente, decidida e que não se importa muito com o que os outros pensam sobre ela.

A ousadia social da personagem reprova a ação feminina em trocar o nome de família depois do casamento, considerando a atitude machista e preconceituosa: “(...) Já resolvi. O nome é meu. Desde que nasci. Meu marido ainda nem me conhece. Não tem nada com isso” (p. 47).

Isabel é a representação da menina com iniciativa, despojada de peculiaridades tradicionalmente femininas, sem traços que pudessem evocar uma caracterização demasiadamente românticas. A literatura atrela-se ao discurso histórico descentralizando o papel masculino da sociedade, como vemos em Silva (2008)

(...) a história se tornou o local onde o feminismo pôde alterar a exclusiva universalidade do homem como sujeito. Fez emergir, assim, um conhecimento sobre as mulheres que questiona o papel central que os homens tradicionalmente têm ocupado nas narrativas históricas (p.224).

A personagem Bisa Bel é acompanhada pela representação da mulher profissional com família, que trabalha fora, não tem manias de arrumação, deixa coisas meio espalhadas e, às vezes, perde as mesmas, é a mãe da menina que, como muitas mulheres da atualidade,

precisa dividir seu tempo com a família, os trabalhos de casa e a vida profissional. Vivendo, com isso, o desafio de ter tempo para tantas coisas.

Minha mãe é arquiteta e anda metida no concurso de um projeto para o hospital novo. Passa o tempo todo na prancheta com dois colegas, desenhando, passando a limpo, calculando, às voltas com aquela imensa régua T..., e um papel transparente que se chama papel vegetal, mas não nasce em árvore nem dá flor. Só sei que, enquanto não acabar esse tal projeto para esse tal concurso, essa tal minha mãe anda muito sem tempo para tudo (p. 48).

Para a mãe de Isabel, o trabalho doméstico não transforma o mundo, não melhora as coisas, é como uma mera repetição “só para manter como estava” (p. 46). Personagens como essas se atrelam às transformações do papel feminino na sociedade, Zilberman (2005) afirma que

(...) a literatura infantil brasileira viveu uma década de mudanças, lideradas por representantes do sexo feminino que reproduziam, no âmbito da narrativa destinada a crianças e adolescentes, o que se passava na sociedade e na cultura (p. 88).

Ela é a mulher que governa a casa, já que a figura paterna não aparece na obra; assume a responsabilidade sob a família, acrescenta às atividades domésticas e à educação dos filhos o encargo de sustentar a casa. É uma mulher que não gosta muito de ouvir o que a filha tem a dizer, deixando-a geralmente falando sozinha, o que sugere o reflexo da falta de tempo e do cansaço de assumir tantas tarefas.

Ao lado dessa representação feminina e opostamente a ela está a do conservadorismo, a figura feminina marcada pelos bons modos - ou pelos modos que um grupo dominante considera como bom, aquela que agrada à sociedade da qual faz parte, como a própria narradora completa quanto se vê com esse comportamento: “(...) todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha...” (p.53), a mulher submissa, com casamento escolhido pela família, enfim, Bisa Bia com seu jeito de pensar e com atitudes que desejava que Isabel tivesse representa uma mulher bem diferente da bisneta.

Ela é uma mulher marcada pelo papel de dona de casa, cujas preocupações se restringem à organização do lar e a boa educação dos filhos; pela submissão às regras impostas pela família e sociedade, e não as contrariava, pois as considerava corretas. Não agia assim só porque a obrigavam, mas agia dessa forma, pois, para sua época, ser mulher era ser dependente, era ter papéis bem específicos e diferentes dos homens, por isso suas práticas iam ao encontro do que era considerado certo ou bom para seu meio. Ela aprendeu assim e não via nenhum problema em ser assim. Ou seja, as representações do grupo dominante são apropriadas pelos sujeitos e determinam as práticas sociais.

Esse viés feminino comunga com o da representação de uma colega de classe de Isabel, Marcela que demonstra ser a menina bem comportada e com práticas muito diferentes da narradora, o que coloca entre as duas uma barreira de convivência:

(...) num instante estava encarapitada no muro, vendo aquela chata da Marcela, toda frosô, arrumada numa roupa de butique, fivela de florzinha no cabelo, falando mole, cheia de nhenhém, jogando sorrisos para o Sérgio (...)

_ Eu não posso – explicou Marcela. – Mamãe disse para eu não me sujar, que ia estragar minha roupa toda. E eu nem sei fazer essas coisas de moleque (p. 32-34).

Nessa perspectiva estão ainda as personagens de dona Nieta e da Professora Sônia, dois discursos marcados pela mulher no cenário doméstico ou mesmo no privado, sem muita visibilidade. Dona Nieta gostava de tomar chá e passar horas conversando com Isabel, que a procurou com intuito de conhecer um pouco mais do meio social de sua bisavó, a narradora acreditava que Dona Nieta e Bisa Bia eram parecidas, ou seja, tinham representações semelhantes no que se referia a “ser mulher” e práticas sociais que se imbricavam.

Para Chartier (1991) as práticas são apreendidas dos bens simbólicos, o que produz usos e diferenciações diversos. Cada uma dessas personagens vai agir de acordo com o que a sociedade determina que seja atitude para mulheres. Essas ações mostram que, para os grupos sociais dos quais as mesmas fazem parte, são essas as representações femininas valorizadas.

Totalmente à frente de toda a história, aparece Roberta ou Bisa Beta, bisneta de Isabel. Aparece só no penúltimo capítulo da história como uma voz fraquinha que concorda com as atitudes da narradora, ou seja, já se apresenta como uma mulher/menina que não gosta de ouvir os mais velhos, não gosta de fingir ser quem não é só para agradar os outros. A voz/personagem incentiva Isabel a seguir suas vontades, a não deixar de fazer as coisas que gosta para satisfazer os outros, discordando totalmente dos conselhos e das práticas de Bisa Bia, observemos:

- Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele. Aliás, ninguém tem nada que fingir para ninguém. Se ela estiver com vontade de falar com alguém, vai lá, ou telefona, e fala. Pronto. É tudo tão simples, para que complicar? (p. 49)

Bisa Beta é uma representação da mulher moderna, para ela bordar é perda de tempo, é audaciosa, decidida, forte e capaz de enfrentar as situações difíceis. É segura e vanguardista.

Ter contato com o passado e o futuro faz a personagem principal crescer, ajuda-a a fazer o presente ser melhor e decidir o que é mais importante para si no futuro. O contato entre as gerações leva Isabel ao amadurecimento e como todo processo de crescimento se dá de dentro para fora, garante a apropriação de representações sociais diversificadas, mas que corrobora para que ela construa suas práticas.

Considerações Finais

A obra de Ana Maria Machado traz personagens únicas, distintas entre si, com características próprias. Pode-se observar que, em uma mesma época, há personagens femininas com práticas tão distintas, por exemplo, Marcela e a própria Isabel. Isso se dá por pertencerem a grupos sociais diferentes, a *comunidades culturais* opostas, e cada grupo estabelece o que é importante para si, sendo essas representações que determinam as práticas aceitáveis para aqueles que deles fazem parte. O que cada grupo assume como essencial para si é que forjará as práticas de seus representantes, sendo que essas práticas e representações sofrerão influências, sobretudo, das transformações sociais que atravessam a sociedade.

As representações femininas de *Bisa Bia*, *Bisa Bel* não devem ser tomadas como representantes de um todo, de uma sociedade, nem como uma luta de gêneros, mas sim como representações do viés feminino valorizado pelo meio do qual cada uma faz parte. Tomamos os fatores histórico e social para produzir significado à obra literária, quer dizer que, ao compreender um pouco as transformações da sociedade identificamos nas práticas que nos são dadas a ler na obra representações desses discursos sociais. Demonstrando-nos que os grupos em que os sujeitos estão imersos são responsáveis por suas escolhas e tomadas de decisões.

Vemos na menina Isabel que vive em um contexto que decidir, lutar pelo que quer, não se importar com a opinião alheia, ser forte e moderna são características valorizadas por ele. O que, ao se apropriado por ela, gera suas representação que forjam suas práticas: uma menina que age como pensa se certo e luta por suas crenças, sem se importar muito com o que os outros vão pensar de si.

Ao contrário, para Bisa Bia ser submissa, ser dona de casa, saber bordar e cozinhar são valores que geram orgulho e altivez, pois são valorizados pelo meio social em que vive, distanciando-se da mulher urbana contemporânea, cujas atividades acompanham o desenvolvimento tecnológico e econômico da sociedade. O que não quer dizer que não seja possível se identificar com tais representações, eis uma das características da literatura: ser, em certo ponto, verossímil de maneira que nos faça reconhecemos nela.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil; Difel, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução de Cristina Antunes. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **O mundo como representação** (1991). http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-4014199100010010&script=sci_arttext. Acesso em: 20 abr. 2013.

COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel.** São Paulo: Moderna, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jataí. **História & História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da, SANTOS, Luciana Mateus, TEXEIRA, Luciane Alves, LUSTOSA, Maria Alice, COUTO, Silvio César Ribeiro, VICENTE, Therezinha Alves, PAGOTTO, Vânia Pereira Fagundes. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais.** Revista SBPH v.8 n.2 Rio de Janeiro dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006> Acesso em 23 fev. 2015.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **A mulher e a historiografia.** Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ⁱ O texto de Ana Maria Machado lido e analisado neste trabalho faz parte da Coleção Literatura em minha casa, do FNDE, do Ministério da Educação, cuja distribuição foi gratuita para estudantes do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras; a publicação é da Editora Moderna em 2001. Todas as citações, neste trabalho, referentes à obra pertencem à mesma edição, portanto, doravante, será indicado apenas o número da página entre parênteses.

ⁱⁱ Roger Chartier, historiador francês renomado dessa História Cultural, tem se destacado com seus trabalhos na história da leitura e do livro, e nesta investigação seus debates epistemológicos no campo da História e as noções conceituais de prática, representação e apropriação se tornam imprescindíveis para seu desenvolvimento.